



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Linguagem, Interculturalidade e Intertextualidade

Clareira
Coralária
Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A FLUTUAÇÃO NO USO DO SUBJUNTIVO: UMA ANÁLISE EM REDAÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

FLOATING IN THE USE IN THE SUBJUNCTIVE: NA ANALYSIS IN ESSAYS BY HIGH SCHOOL STUDENTES

Joelma Pereira Silva¹
Veraluce da Silva Lima²

Resumo:

Este artigo aborda a ocorrência da Flutuação do modo subjuntivo em redações de estudantes do ensino médio. O termo Flutuação está sendo empregado para indicar o desvio de uso do verbo no modo indicativo em sentenças que esperamos encontrar no modo subjuntivo, por exemplo. Numa sentença do tipo “as provas estão chegando, embora eu estou estudando, tenho medo de tirar notas ruins”, a expressão “**embora**” sugere que o verbo da oração destacada seja flexionado no modo subjuntivo e não no indicativo, como o aluno a empregou. O trabalho tem o objetivo descrever situações de Flutuação do modo subjuntivo em produções escritas de estudantes do ensino médio. Apoiar-se, portanto, na perspectiva funcionalista norteada, principalmente, por Givón (1995; 2012) que discute a gramática da língua em situações concretas de uso. Os procedimentos metodológicos são de base qualitativa, tendo como princípio de coleta de dados a construção de um *corpus* formado por textos produzidos por estudantes do Ensino Médio. Do *corpus* construído, selecionamos apenas 2 (dois) textos para análise. Os resultados apontaram que o estudante escreve conforme sua necessidade em mostrar o real, o verdadeiro ou, o irreal, fictício, não verdadeiro, dependendo de sua experiência com determinados temas propostos em sala de aula. Com essa necessidade de afirmar ou não a existência de algo num determinado contexto enunciativo, os estudantes usam o modo verbal que melhor esclarecem suas opiniões e argumentos.

Palavras-chave: Flutuação. Indicativo. Subjuntivo. Textos Escritos. Estudantes.

Abstract:

This article addresses the occurrence of Fluctuation of the subjunctive mode in essays of high school students. The term Fluctuation is being used to indicate the deviation from the use of the verb in the indicative mode in sentences that we hope to find in the subjunctive mode, for example. In a sentence like "the tests are coming, although I am studying, I am afraid of getting bad grades", the expression "although" suggests that the verb of the highlighted sentence is inflected in the subjunctive mode and not in the indicative, as the student used it. The aim of this work is to describe situations of fluctuation in the subjunctive way in written productions of high school students. It is supported, therefore, in the functionalist perspective guided, mainly, by Givón (1995; 2012), who discuss the grammar of the language in concrete situations of use. The methodological procedures are of qualitative basis, having as principle of data collection the construction of a corpus formed by texts produced by high school students. From the constructed corpus, we selected only 2 (two) texts for analysis. The results showed

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. E-mail: joelmahgm@gmail.com.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras - PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: veraluce.silva@ufma.br.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Linguagem, Interculturalidade e Interação

Clareira Cora Corallina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

that the student writes according to his need to show the real, the true or, the unreal, fictional, not true, depending on his experience with certain themes proposed in the classroom. With this need to affirm or not the existence of something in a given enunciative context, students use the verbal way that best clarifies their opinions and arguments.

Key words: Fluctuation. Indicative. Subjunctive. Written Texts. Students.

1 Introdução

O foco deste trabalho é descrever a ocorrência da flutuação de uso do modo subjuntivo em produções escritas dos estudantes do 3º ano do ensino médio. Entendemos por flutuação o desvio no uso do modo verbal em que a ocorrência de determinadas estruturas no contexto frasal gera uma expectativa de uso de uma forma verbal, no modo subjuntivo, por exemplo, que, muitas vezes, acaba não sendo correspondida.

O modo corresponde à propriedade de o verbo mostrar como o usuário da língua se posiciona diante do conteúdo de seu enunciado. Contudo, como professora de língua portuguesa, do ensino médio, durante nossa prática em sala de aula, temos observado, em produções escritas dos estudantes, algumas manifestações recorrentes do uso do verbo no modo indicativo no lugar em que se esperaria encontrar o modo subjuntivo. Por esse motivo, buscamos compreender como acontece o fenômeno da flutuação na língua escrita, considerando que essa modalidade de língua, na escola, é pautada pelo uso da língua padrão.

A título de ilustração, selecionamos os seguintes exemplos, extraídos dos próprios textos dos alunos:

Aluno A: As provas estão chegando, embora eu estou estudando, tenho medo de tirar notas ruins.

Aluno B: Espero que ele escolhe um nome bonito para sua filha.

Aluno C: A mãe dela quer que ela vai, quer que ela fique comigo. [...] Por isso que eu estava querendo que ficava pronto depressa.

O uso do modo indicativo em “embora eu **estou estudando**”, “Espero que **ele escolhe**”, “quer que **ela vai** [...] que **ficava pronto** depressa” revela o fenômeno da flutuação e coloca em questionamento as regras de uso dos modos verbais ensinadas nas escolas.

A perspectiva teórica que adotamos no trabalho tem relação com o que efetivamente acontece na língua, com uma visão de gramática que não se abstrai do aspecto pragmático da interação verbal. Apoiar-se, portanto, na perspectiva funcionalista norteada, principalmente, por Givón (1995; 2012).

A visão funcionalista de gramática, segundo esse teórico, se liga aos fins a que servem as unidades linguísticas; ocupa-se, portanto, das funções dos meios linguísticos de expressão.

Segundo Givón (2012), a visão funcionalista

Fixa-se, particularmente, no postulado da não autonomia do sistema linguístico. A gramática pode ser estendida por referência a parâmetros como



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Linguística, Literatura e Interculturalidade

Clareira
Cerra Corralina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução (GIVÓN, 2012, p.422).

Nesse contexto, podemos afirmar que o sistema linguístico não é autônomo, pois depende do uso que o falante faz da língua, em diferentes contextos de interação.

Procuramos averiguar trabalhos já desenvolvidos sobre o tema e encontramos estudos, como os de Pimpão (1999), Gonçalves (2003), Martins e Medeiros (1996), Vieira (2007), dentre outros teóricos que abordam a flutuação de uso dos modos verbais. Esses estudos têm apontado, com bastante frequência no Português Brasileiro, o uso do modo indicativo em ambientes em que se esperaria encontrar o modo subjuntivo.

Dentre os estudos encontrados, fazemos destaque ao trabalho do teórico Azevedo (1976) que já na década de 70, ao tratar do subjuntivo em português, destacou aspectos em relação à competência comunicativa dos usuários do português. O autor analisou o uso do subjuntivo em orações adverbiais e os resultados apontaram dois grupos de orações adverbiais. O 1º grupo se referiu às orações adverbiais iniciadas pelas conjunções concessivas e finais. Essas conjunções obrigam o emprego do verbo no subjuntivo. O 2º grupo agregou orações adverbiais iniciadas pelos demais tipos de conjunções subordinativas. Essas orações podem ter o verbo no indicativo ou no subjuntivo.

Neste trabalho, estamos considerando, a partir da Linguística Funcional, a visão de Givón (1995, 2012), autor que considera a gramática como natural e dinâmica, pois se encontra em contínuo processo de variação e mudança para atender a necessidades cognitivas e/ou interacionais de seus usuários.

2 Desenvolvimento

O funcionalismo norte-americano considera a gramática um agregado maleável e internalizado das formações vindas da língua em uso, das experiências adquiridas no processo de interação verbal que acumulamos durante nossa existência. Nesse sentido, “[...] o funcionalismo explica a organização da gramática e a codificação linguística das estratégias gramaticais com base em princípios de natureza cognitiva e comunicativa”. (GIVÓN *Apud* CUNHA; TAVARES, 2016, p.18-19).

Para essa corrente teórica, a gramática apresenta categorias morfossintáticas com padrões funcionais mais regulares, e formas que se encontram em processo de variação e mudança, o qual é sempre motivado por fatores cognitivo-interacionais. No entanto, a compreensão da categoria de modo como um todo vai além dessa definição.

O conceito de modo também está relacionado à “percepção de realidade”, assim como modalidade, contudo, é mais especificamente associado com a morfologia verbal. Modo é o sistema que codifica, na gramática, os atos comunicativos como declarações, ações, exclamações pelo qual a modalidade é expressa. Assim, o modo é caracterizado pela inflexão morfológica do sintagma verbal. Logo, podemos dizer que existem três tipos de modo: indicativo, imperativo, subjuntivo. O primeiro é usado para marcar o significado de *realis*, expressando certeza, assertividade. O segundo e o terceiro são responsáveis por expressar a ideia de *irrealis*, ou seja, expectativas, desejos, possibilidade ou obrigação e ordem.



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Língua, Literatura e Interculturalidade

Classe
Coralima
**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Ao considerarmos modalidade, esta pode ser entendida como uma categoria gramatical que expressa uma relação com a realidade e cobre noções como possibilidade, necessidade, probabilidade, vontade, obrigação e permissão. Assim, do ponto de vista linguístico, modalidade se constitui uma categoria gramatical que “expressa as atitudes e opiniões do falante, ou seja, traduz as noções de possibilidade, dever, obrigação, necessidade etc.” (DUARTE, 2012, p.77). Como uma categoria gramatical, pode estar ligada a significados lógicos básicos, a partir dos quais são gerados três tipos de modalidade: epistêmica, deôntica e dinâmica.

A modalidade epistêmica engloba os vários graus de certeza ou incerteza sobre fatos e por isso está relacionada às limitações do conhecimento do falante sobre esses mesmos fatos, ou seja, esse tipo de modalidade está relacionado ao conhecimento, à opinião, à crença e, por extensão, à incerteza e à probabilidade, sendo usada para prever o que os falantes pensam que seja provável acontecer. Vários são os verbos que estão associados à expressão de conhecimentos, como: considerar, decidir, entender, mostrar, verificar, revelar saber, dentre outros.

A modalidade deôntica, por outro lado, expressa sentidos relacionados à permissão e obrigação de todo e qualquer tipo. Ela está, portanto, frequentemente associada à autoridade e julgamento, e não a conhecimento ou previsão, como acontece com a modalidade epistêmica. Devido a essa característica, a modalidade deôntica é um recurso de linguagem que pode ser usado para influenciar pessoas a fazer ou não fazer coisas. Entre os verbos associados a esse tipo de modalidade estão: autorizar, mandar, ordenar, pedir, sugerir.

Apesar de o conceito de modalidade estar centralmente relacionado às noções epistêmica ou deôntica, há algumas outras noções associadas com ele que possuem uma função mais periférica e são agrupadas sob a ideia de modalidade dinâmica.

Givón (1995, p. 414) distingue a região deôntica da epistêmica: a deôntica é mais pragmática e a região epistêmica, mais semântica. Ele constata o caráter prototípico das duas classes e a associação dos deônticos com a interação comunicativa intencional. O autor apresenta alguns princípios que permitem prever os contextos gramaticais em que o modo subjuntivo tem mais probabilidade de gramaticalizar-se. Esses contextos estão associados a *irrealis*, logo *irrealis* é apresentado simultaneamente como categoria cognitivo-funcional e tipológico-gramatical.

A tradição gramatical associa *verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência* a epistêmico e *preferência, habilidade, obrigação, manipulação* a deôntico. Ao garimpar essa tradição, Givón (1995) constata quatro modalidades proposicionais epistêmicas que redefinem, em termos prototípicos, a que associa o equivalente comunicativo: a) verdade necessária vs pressuposição; b) verdade factual vs asserção *realis*; c) verdade possível vs asserção *irrealis*; d) não-verdade vs NEG-asserção.

Ao redefinir modalidade em termos de *realis* e *irrealis*, o autor muda a perspectiva de análise em dois aspectos importantes: 1) cognitivamente (de verdade para certeza subjetiva); 2) comunicativamente (de sentido voltado para o falante para sentido interativo, socialmente negociado). Essa nova tipologia se aplica, com ganho descritivo e interpretativo, aos contextos de tempo-aspecto, advérbios modais, complementos verbais, cláusulas adverbiais e auxiliares modais, com consequências relevantes para a integração entre cláusulas e outros processos de gramaticalização.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Podemos, então, afirmar que *realis* e *irrealis* são gramaticalmente marcados pelo indicativo e pelo subjuntivo, respectivamente. Especialmente no português brasileiro, os termos “indicativo” e “subjuntivo” são usados principalmente para se referir a *realis* e *irrealis*, com o subjuntivo sendo considerado uma marca de *irrealis*.

Na próxima seção, apresentamos o percurso metodológico desenvolvido para as análises deste estudo.

2.1 Metodologia

Os dados de análise foram extraídos do corpus formado por textos produzidos por estudantes do 3º ano do ensino médio. A coleta foi feita durante nossa prática nas aulas de Leitura e Produção Textual. A organização dos dados foi realizada conforme a metodologia da Linguística Funcional.

Com o advento da pandemia (Covid-19) tivemos que nos reorganizar e passamos a utilizar como meio de coleta, os textos postados pelos estudantes, na Plataforma Google Classroom, onde fizemos a captura desses textos.

A escolha dos temas de cada produção textual foram feitos de acordo com as sequências didáticas trabalhadas para a aprendizagem dos gêneros textuais como: artigo de opinião, reportagem, notícia, texto dissertativo-argumentativo, etc. e tem como **objetivos**: 1 - Ter contato com o gênero textual (neste caso, o gênero trabalhado em cada sequência didática); 2 - Pesquisar sobre os gêneros textuais (artigos de opinião, por exemplo, conforme a sequência didática); 3 - Analisar a estrutura usual dos gêneros textuais. 4 – Produzir textos. Essas sequências são trabalhadas de acordo com os módulos, até sua produção final (produção dos textos pelos estudantes). O público alvo são estudantes do 3º ano do ensino médio, da escola de tempo integral, da rede estadual de ensino.

Como professora de Língua Portuguesa desse nível de ensino, durante nossa prática em sala de aula, temos observado, nas produções escritas dos estudantes, algumas manifestações recorrentes do uso do verbo no modo indicativo no lugar em que se esperaria encontrar o modo subjuntivo. Isso nos levou a uma inquietação em compreender como acontece essa alternância nos usos desses modos verbais.

Durante seu registro de produção, no sentido de expor suas ideias, crenças, valores, opiniões, experiências, o estudante, envolve-se com o que quer escrever em seu texto, faz sua análise mediante à situação exposta pelo professor e, escreve conforme sua necessidade em mostrar o real, o verdadeiro ou, o irreal, fictício, não verdadeiro, dependendo de sua experiência com determinados temas propostos em sala de aula.

Com essa necessidade de afirmar ou não a existência de algo num determinado contexto enunciativo, onde cada estudante tem sua versão e visão diferenciadas, ao defender sua posição no texto escrito, os estudantes usam verbos que melhor esclarecem suas opiniões e argumentos. Ao utilizarem esses verbos cujo objetivos são mostrar ações ou estados, surgem a certeza ou incerteza dessas ações e/ou estados.

Ao se fazer referência onde algo está incerto ou duvidoso, o estudante cria uma real possibilidade para o que está sendo escrito, seja real, no sentido de tentar afirmar/confirmar que aquela possibilidade exista, ou venha a existir.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Língua, Literatura e Interculturalidade

Clareza
Cora Coralina

Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Para este trabalho, foram selecionados 2 (dois) textos de um total de 206 textos, para a formação deste corpus. As produções serão identificadas pelos numerais 1 e 2:

Texto 1

Brasil, um país de todos nós
O Brasil que queremos não é definitivamente o Brasil que temos. Considerando que a sociedade está em constante mudança, o Brasil que queremos é um Brasil com menos impostos com mais e melhor qualidade dos serviços públicos, em especial a saúde, educação, segurança pública, transporte entre outros.
É verdade que com tantos problemas e tanto atraso não podemos mudar nada em um curto espaço de tempo, entretanto, se não começarmos imediatamente, não sairemos do caos em que vivemos. Que as lições das ruas, especialmente o clamor do povo, sensibilizem os governantes e as autoridades para agir com rapidez e começarmos, porque somente se alcança o último degrau se começar a subir pelo primeiro.
Ficamos de olhos abertos e atentos aos próximos passos dos que têm o poder de algo fazer. A população, que se tornando exausta diante da situação, permite que o Estado continue agindo de tal maneira que o autoritarismo hoje em dia anda junto com a burocracia, fazendo com que camuflam os poderes de quem está no poder.

Aluna 1: - 3º ano CETI SJR

Texto 2



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

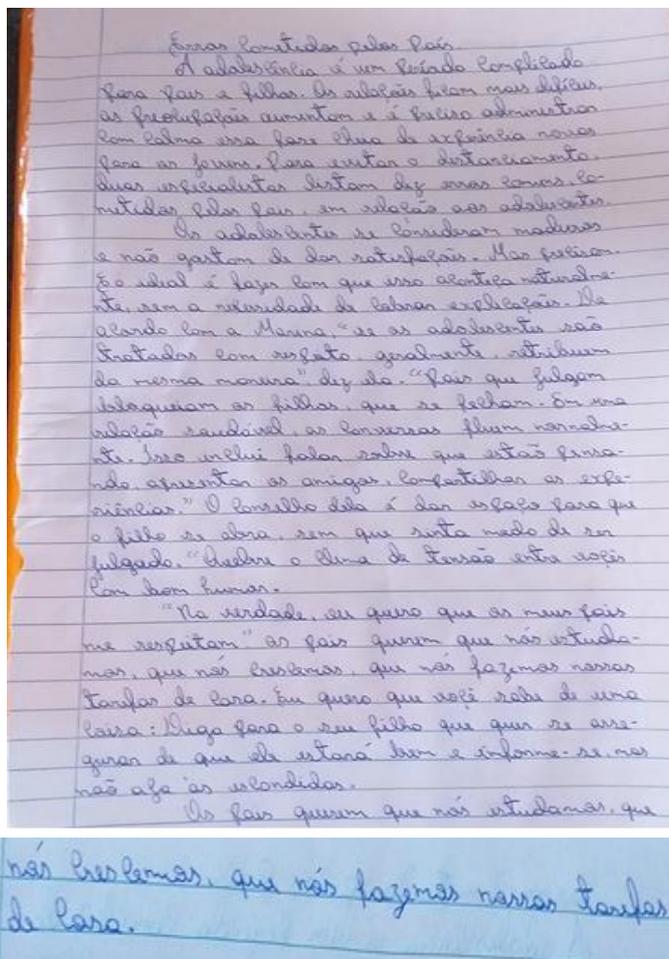
www.sielli.ueg.br

POSLLI
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Clareira
Corá Corálina

Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020



Aluna 2: 3º ano CETI SJR

Como parâmetro analítico, nosso olhar voltou-se para as construções frasais que: (i) Apresentam forma verbal no presente do subjuntivo; (ii) Registram forma verbal no presente do indicativo, em contextos que são tidos como de presente do subjuntivo.

Do texto 1, destacamos as seguintes construções frasais:

- (1) [...] a população, que se tornando exausta diante da situação, permite que o Estado **continua agindo** de tal maneira'.
- (2) 'O autoritarismo hoje em dia anda junto com a burocracia, **fazendo com que camuflam** os podres de quem está no poder'.

Do texto 2, as construções frasais destacadas foram as abaixo relacionadas:

- (1) Na verdade, eu quero **que meus pais me respeitam**.
- (2) Os pais querem **que nós estudamos, que nós crescemos, que nós fazemos** nossas tarefas de casa.
- (3) Eu quero **que você sabe** de uma coisa'.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

2.2 Análise das construções frasais

Como vimos, o conceito de modo é resultante da modalidade epistêmica, deôntica ou dinâmica, levando em conta a atitude do falante e está ligada ao sistema gramatical de modo verbal no português brasileiro.

As construções frasais destacadas dos textos 1 (T1) e 2 (T2) exigem que o verbo da oração destacada seja flexionado no modo subjuntivo e não no indicativo. Em (T1), os verbos da oração principal exprimem verdade possível vs asserção *irrealis* (GIVÓN, 1995). Já em (T2), os verbos da oração principal expressam verdade factual vs asserção *realis* (GIVÓN, 1995), conforme podemos comprovar a seguir:

(T1) [...] a população, que se tornando exausta diante da situação, permite **que o Estado continua agindo de tal maneira**'.

(T1) 'O autoritarismo hoje em dia anda junto com a burocracia, **fazendo com que camuflam os poderes de quem está no poder**'.

(T2) Na verdade, eu quero **que meus pais me respeitam**.

(T2) Os pais querem **que nós estudamos, que nós crescemos, que nós fazemos nossas tarefas de casa**.

(T2) Eu quero **que você sabe de uma coisa**'.

Vejamos a análise dos verbos das construções frasais extraídas dos textos selecionados.

Nas 2 (duas) construções frasais em (T1), os verbos da oração principal expressam verdade possível vs asserção *irrealis* (GIVÓN, 1995). Em "(T1) [...] a população, que se tornando exausta diante da situação, permite que o Estado **CONTINUA AGINDO** de tal maneira", o verbo "permitir" favorece o uso da forma subjuntiva na oração subordinada "que o Estado **CONTINUA** agindo de tal maneira". Esse verbo revela uma verdade possível, o que obrigaria o verbo da oração subordinada a ser flexionado no subjuntivo, por ser uma asserção *irrealis* (GIVÓN, 1995).

Em (T1) "O autoritarismo hoje em dia anda junto com a burocracia, **FAZENDO COM QUE CAMUFLAM** os poderes de quem está no poder", o verbo da oração principal "fazer" encontra-se flexionado no gerúndio acompanhado da expressão "com que", formando, podemos dizer, um sintagma que expressa uma verdade possível (GIVÓN, 1995). Esse verbo exige que seu complemento oracional "**CAMUFLAM** os poderes de quem está no poder" tenha verbo flexionado no modo subjuntivo que, neste caso, é o verbo "camuflar". Assim, em vez de usar "camuflam", o aluno deveria ter empregado "camuflam", pois ele se constitui o predicado de uma asserção *irrealis*.

As construções frasais (T2) apresentam verbos da oração principal com o sentido de verdade factual vs asserção *realis* (GIVÓN, 1995), conforme já referido anteriormente. Senão vejamos:

(T2) Na verdade, eu quero **que meus pais me respeitam**.

(T2) Os pais querem **que nós estudamos, que nós crescemos, que nós fazemos nossas tarefas de casa**.

(T2) Eu quero **que você sabe de uma coisa**'.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Linguagem, Interculturalidade e Intertextualidade

Classe Coralima
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Nas 3 (três) construções frasais, o verbo da oração principal é o “querer”. Esse verbo, segundo Abreu (2018, p. 332), permite que o verbo da oração subordinada esteja no modo subjuntivo. Nesse sentido, as orações subordinadas **“que meus pais me respeitam”, “que nós estudamos”, “que nós crescemos”, “que nós fazemos nossas tarefas de casa” e “que você sabe de uma coisa”** se constituem asserções *realis* (GIVÓN, 1995). Portanto,

Não temos, nessas orações, a liberdade ou não de usar o subjuntivo. Se utilizarmos o indicativo, o resultado será agramatical. [...] A noção de hipótese a que a maioria das gramáticas atribui os sentidos de dúvida, possibilidade, incerteza e até mesmo desejo está implícita, na realidade, nos verbos da oração principal, como *duvidar, suspeitar, ser possível, querer*. (ABREU, 2018, p.332).

Nas construções frasais de (T2), o modo subjuntivo deveria repetir o tempo do verbo da oração principal, ou seja, o presente do indicativo, obedecendo, assim, ao princípio de *consecutio temporum*. (ABREU, 2018). Isto porque as orações “Na verdade, eu quero”, “Os pais querem” e “Eu quero” encontram-se com o verbo flexionado no presente do indicativo.

Convém ressaltar que essa noção de hipótese, expressa pelo modo subjuntivo, foi adquirida por “contiguidade sintática, dos verbos das orações principais pelo fenômeno da integração conceptual” (ABREU, 2018, p.333), com o subjuntivo predominando em sentenças subordinadas, como é o caso das construções frasais de (T2).

Castilho (2010) trata os modos verbais, sob o aspecto semântico, afirmando que a seleção feita pelo usuário no uso dos modos não possui motivação exclusivamente sintática. Assim, o indicativo expressa uma avaliação do *dictum* como um estado real, enquanto o subjuntivo expressa a possibilidade de o *dictum* ser irreal. Temos, portanto, uma expansão no uso do modo verbal sob a perspectiva *realis* e *irrealis*.

A análise das construções frasais dos textos selecionados nos conduziu à observação de que o modo subjuntivo apresenta diferentes valores modais. Portanto, a polaridade indicativo – modo da certeza – e Subjuntivo – modo da incerteza – apresenta apenas uma das facetas desses modos.

3 Conclusão

Os resultados a que chegamos com a análise realizada colocam em questionamento as regras de uso dos modos verbais ensinadas nas escolas, as quais poderiam ser trabalhadas a partir dos próprios textos dos alunos.

Observamos que as orações subordinadas substantivas, cujos verbos não remetam à existência de seus objetos, representam modos, estados ou eventos imaginários, requerem preferencialmente o subjuntivo. Contudo, muitas das noções e terminologias associadas ao subjuntivo apresentam-se, também, nos enunciados produzidos pelos usuários da língua no modo indicativo. O que distingue esses dois modos são: o grau de objetividade (indicativo) e a subjetividade (subjuntivo) no discurso produzido pelos falantes.

O modo subjuntivo ocorre em estruturas subordinadas, dependentes de um nome ou de um outro verbo, uma vez que está ligado à subjetividade do usuário da língua, ou seja, diz respeito aos nossos julgamentos de valores, às nossas opiniões e a nossa singularidade de



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Linguística e Interculturalidade

Classe
Corápolis

Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

pensamento. Nesse sentido, sempre vai exprimir uma avaliação subjetiva das ações expressas pelo verbo; o que o torna o modo da incerteza, do desejo, da possibilidade.

Os contextos esperados para uso de Subjuntivo nos trouxeram também resultados significativos: os casos de Indicativo ocorreram, principalmente, em situações em que o esperado era o uso do Subjuntivo. Dessa forma, podemos afirmar que a entrada do modo Indicativo em contextos de Subjuntivo é produtiva.

Nesses casos, é preciso investigar em que medida a seleção do subjuntivo é uma mera exigência formal ou em que medida eventos certos, factuais também podem ser expressos pelo modo subjuntivo.

Esperamos que, ao concluirmos a pesquisa que estamos realizando, sejamos capazes de definir como acontece a flutuação de uso do modo subjuntivo em textos escritos por estudantes do 3º ano do ensino médio.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **Gramática integral da língua portuguesa: uma visão prática e funcional**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2018.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CUNHA, M^a Angélica Furtado da; TAVARES, M^a Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: CUNHA, M^a Angélica Furtado da; TAVARES, M^a Alice (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal, RN: EDUFRN, 2016, p.12-58.

DUARTE, M^a Eugênia Lammoglia. A expressão da modalidade deôntica e epistêmica na fala e na escrita e o padrão SV. In: **Revista do GELNE**. Natal, RN, vol. 14, Número Especial, 2012, p.77-94.

GONÇALVES, Jussara. R. **Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

GIVÓN, Talmy. **Funcionalism and grammar**. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. Mudança Linguística. In: **A compreensão da gramática**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Felipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012.

MARTINS, H. F.; MEDEIROS, V. G. de. **Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo no português do Brasil e seu impacto no ensino de alunos de português como segunda língua**. Manuscrito inédito apresentado no V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Christ Church, Oxford, 1996.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

PIMPÃO, Tatiana S. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 1999.

VIEIRA, M. M. M. **Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o Francês do Canadá.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.